

04 AGO 1990

ESTADO DE SÃO PAULO

O circo de ilusões

ÁLVARO DE SÁ



A imagem histriônica, nem sempre talentosa, dos novos atores visita-nos todas as noites. Sem convite, a indigência mental vai invadindo nossa privacidade, tentando

mostrar, por vinhetas e truques eletrônicos, que os intérpretes são candidatos ao sacrifício e à defesa dos interesses do povo.

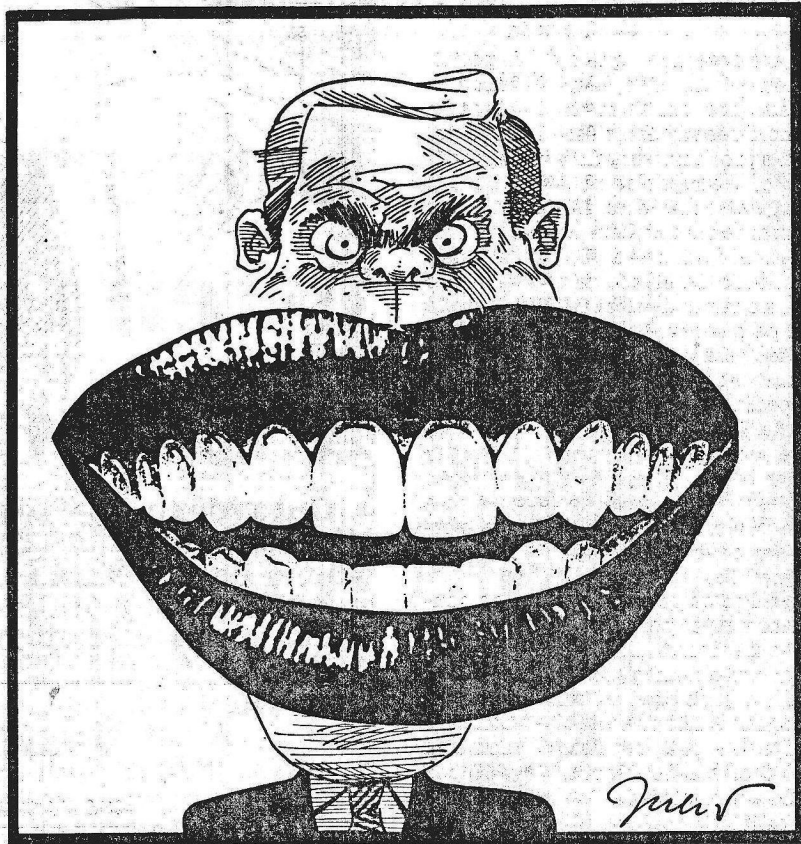
Por obra e graça dessa impune mania nacional de tirar vantagem, os legisladores, antigos e futuros candidatos, votaram para si benefício de seqüestrar o nosso direito à informação e atacam, com fantasias e promessas vãs, o recesso dos lares. Contribuem para construir uma sociedade espetáculo, na qual o cidadão e o eleitor são tratados como espectadores de um circo de ilusões. Alienados, para que não saibam bem se o voto é para o sorriso mais simpático, a voz mais bem impostada ou o político mais eficaz. Antes de tudo carece escolher entre os figurantes da telinha.

E precisa ser assim mesmo, pois os políticos nada mais têm a mostrar ao público além de seu sorriso e sua voz, contrapontos para esconder, ou uma insidiosa atuação legislativa, ou um imenso apetite pelas vantagens financeiras do poder.

Neste momento, não vale a pena discorrer sobre o paraíso do nepotismo em que se transformou o legislativo, com milhares de empregos milionários distribuídos entre parentes e correligionários. Que se somam aos conseguidos por barganhas nas quais a Nação é mercadejada num balcão de cargos e mordomias.

Nem vale a pena também recensar a permanente ausência dos parlamentares federais, que transformam as cadeiras vazias nas grandes vedetes do Congresso. Parlamentares bem pagos e cheios de regalias, como se fôssemos muitos ricos, vivem de inventar mil razões para não irem ao plenário. Nosso Congresso é um conjunto vazio, que só atua nos momentos de solicitação demagógica. Pode-se dizer que é mais fácil um jumento sair de dentro da telinha do que parlamentares enchendo Brasília.

No mundo do espetáculo, essa verdade deveria engendrar uma improdutividade total, que é contornada pelo voto de liderança o voto em que um cacique político vota, sem nenhuma legitimidade, pelos outros parlamentares faltosos. Absurdo num sistema em que não existe fidelidade partidária, ou blocos políticos



coesos, e no qual os homens entram, saem e tornam a entrar em partidos como quem troca de camisa. Mostrando, então, que o voto de liderança, essa figura totalitária que suprime a vontade do eleitor, nada mais é do que um expediente maroto para fingir que o Congresso trabalha, no reino do faz-de-conta. Fala-se muito para se produzir muito pouco. Essa degradação dos Legislativos já começa a espantar homens de bem, liberais e socialistas, que, com vergo-

O Congresso é um conjunto vazio que só atua nos momentos de solicitações demagógicas

na de ocupar cargo tão aviltante, nem concorrem mais à eleição.

Mas vale a pena lembrar que, em nenhum momento, no pouco que trabalharam, esses senhores se preocuparam seriamente com os grandes assuntos nacionais: saúde, educação e habitação. A dissipação do sistema de saúde ocorreu sem que nenhum tivesse a sensibilidade de inquirir sobre o diagnóstico, a doença e as causas do descalaro. Legisla-se sobre o que?

A precariedade da educação, em todos os níveis, foi se processando sem o questionamento dos currículos, dos níveis do ensino, da evasão das universidades. Para captar o voto dos pais discutem-se mensali-

No setor de habitação faliu o BNH, desencaminhou-se o sistema que existia e nada foi apurado. O problema urbano é tangenciado no populismo de refrear aluguéis.

Quando o desalinho legislativo chega a tal ponto, a democracia corre muitos riscos. Em nossa História tem sido pela pusilanidade e esvaziamento dos representantes do povo que o sistema democrático entra em colapso.

Pelo visto, dentro da pobreza intelectual vigente, nos próximos dias não assistiremos ao debate de idéias. Muito menos ao desdobrar de planos coerentes para melhorar as faces dramáticas de nossas realidades. Ou propostas honestas e consistentes para solucionar problemas.

Teremos festivais de sorrisos, uma plêiade de artistas desempenhando o papel de heróis, muitas músicas e diversas vinhetas. Tudo parodiando o imaginário atualizado da TV comercial.

O desperdício de horário nobre abusa da paciência e avassala o cotidiano. Sem garantir a qualidade de escolha.

O problema é que, votando em atores, estaremos elegendo parlamentares. E, elegendo parlamentares, estaremos delegando aos caciques os votos de liderança. Para uns poucos escamotearem mais a legitimidade democrática.

Quosque tandem

Álvaro de Sá é diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro